

Joan G. Robinson

**QUANDO MARNIE
ESTAVA LÁ**

**Primeira edição em língua
portuguesa**

Dedicado à minha esposa Amanda que, alegre e amorosa
como Marnie, *sempre estava lá,*

E à memória de meus avós e antepassados, os quais *sempre
amarei e lembrarei.*

SUMÁRIO

MARNIE, UMA VOZ ANCESTRAL.....	8
CAPÍTULO 1: ANNA.....	13
CAPÍTULO 2: OS PEGGS.....	21
CAPÍTULO 3: NO CAIS	29
CAPÍTULO 4: A VELHA CASA.....	37
CAPÍTULO 5: ANNA SEGUE SUA IMAGINAÇÃO.....	43
CAPÍTULO 6: “UMA COISA DURA E SEM GRAÇA—”	49
CAPÍTULO 7: “—E UMA PORCA GORDA”	57
CAPÍTULO 8: A NOITE DE BINGO DA SRA. PEGG.....	65
CAPÍTULO 9: UMA MENINA E UM BARCO	69
CAPÍTULO 10: SALICÓRNIA EM CONSERVA	77
CAPÍTULO 11: TRÊS PERGUNTAS CADA.....	83
CAPÍTULO 12: SRA. PEGG QUEBRA SEU BULE DE CHÁ	91
CAPÍTULO 13: A MENINA MENDINCANTE.....	97
CAPÍTULO 14: APÓS A FESTA	105
CAPÍTULO 15: “PROCURE POR MIM DE NOVO!”	111
CAPÍTULO 16: SEGREDOS E COGUMELOS	119
CAPÍTULO 17: A MENINA MAIS SORTUDA DO MUNDO..	129
CAPÍTULO 18: APÓS EDWARD CHEGAR.....	139
CAPÍTULO 19: O MOINHO DE VENTO	147

CAPÍTULO 20: NÃO MAIS AMIGAS	155
CAPÍTULO 21: MARNIE NA JANELA	161
CAPÍTULO 22: O OUTRO LADO DA CASA	165
CAPÍTULO 23: A PERSEGUIÇÃO	173
CAPÍTULO 24: APANHADA!	179
CAPÍTULO 25: OS LINDSAYS	187
CAPÍTULO 26: O SEGREDO DE SCILLA.....	193
CAPÍTULO 27: COMO SCILLA SABIA.....	199
CAPÍTULO 28: O LIVRO	205
CAPÍTULO 29: CONVERSANDO SOBRE BARCOS.....	215
CAPÍTULO 30: UMA CARTA DA SRA. PRESTON.....	223
CAPÍTULO 31: SRA. PRESTON VAI PARA O CHÁ	229
CAPÍTULO 32: UMA CONFISSÃO	235
CAPÍTULO 33: SRA. PENELOPE GILL.....	243
CAPÍTULO 34: GILLIE CONTA UMA HISTÓRIA	249
CAPÍTULO 35: DE QUEM FOI A CULPA?.....	257
CAPÍTULO 36: O FINAL DA HISTÓRIA.....	265
CAPÍTULO 37: ADEUS A WUNTERMENNY	271
PÓS-ESCRITO	275
SOBRE A AUTORA	281

MARNIE, UMA VOZ ANCESTRAL

Na balada do marinheiro de Coleridge, um estranho marinheiro detém um dos convidados de uma festa de noivado e, como que enfeitiçando-o com o olhar, lhe conta a sua própria sombria história de navegação, repleta de solidão, terror, fantasmas e finda com a expiação de seus erros. Ao final, o jovem ouvinte, “na manhã seguinte, levantou-se um homem mais sombrio e mais sábio”. Não se pode afirmar se os episódios enarrados pelo marinheiro eram reais, e nem mesmo se sua pessoa o era. O mesmo não pode ser dito da verdade de sua mensagem e missão, seu significado, porém. Assim é com Marnie, ela mesma uma guia pelo árduo caminho da sabedoria – “Procure por mim!”.

Marnie não é uma produção da imaginação triste e solitária de Anna à sua imagem, como não é o mero fruto de alucinação causada por má oxigenação asmática e estresse emocional. Sua manifestação pode ser assim explicada. É o que chamamos de *causa*. Mas sua proveniência, seu lugar e sentido nada têm com isso. Marnie é a perfeita representação do amor familiar, da voz dos ancestrais – banidos para papeis e molduras – e da verdade que luta em cada um nós para se atualizar e assumir uma vida completa e serena. Marnie não foi criada, Anna é quem foi encontrada quando posta ao alcance. Assim podemos compreender não a causa, mas a *origem* de Marnie – que nos é muito mais próxima.

Anna precisa atravessar certas experiências para se desenvolver. É o drama do crescimento. Por mais sozinha que pareça, seja com os Peggs ou devaneando na praia, em algum momento descobre que nunca o esteve. Percebe que precisa dos outros mais do que alguma vez ousou admitir. Descobre que amar é libertar, e libertar é crescer. Descobre que há amor sem sangue,

mas não sangue sem amor. Estas e muitas outras revelações sobre si mesma Anna alcança apenas através das memórias adormecidas de Marnie, cuja manifestação genuína suspende as concepções lógicas e abstratas de tempo e realidade. Mas para isso, Anna precisou antes querer alcançá-las, querer ouvi-las. É preciso ser receptivo, estar aberto e disposto a aprender. “Não, não vá! Não seja tão tola. Eu *quero* conhecer você! Você não quer me conhecer?” Marnie *já* estava lá, mas só lentamente pôde se aproximar e finalmente aparecer.

A verdade do fenômeno da consciência é que ele não depende da autorização da lógica, do realismo ou da conveniência. “Anna, você é real, não é?” pergunta Marnie que, ao invés de averiguar a realidade da amiga com raciocínios e experimentos, o faz com um beijo na bochecha. Aparece de uma só vez, espanta, provoca o riso, nos fragiliza e, às vezes, nos orienta. Assim é a Marnie saltitante e penetrante, infantil e complexa, a guardiã do ser autêntico de Anna – ou o próprio ser autêntico de Anna, numa projeção lúdica de suas próprias histórias – a quem o *laço de ancestralidade* nos ensina, de forma decisiva e irrevogável, que o sentido da vida vai muito além de nós mesmos e de nossa vida particular. Nos inscreve numa continuidade, numa permanência que nos antecede, e nos convida à perdoar, amar e recordar... numa existência que pertence a si mesma, pois está ciente da sabedoria das gerações que em si repousa e a qual sabe o como despertar.

“É claro que eu te perdo! E eu te amo, Marnie. Eu nunca vou te esquecer, nunca!”

O tradutor.

CAPÍTULO 1

ANNA

A Sra. Preston, com seu olhar preocupado de sempre, ajeitou o chapéu de Anna.

“Seja uma boa menina”, disse ela. “Divirta-se e – e – bem, volte boa, corada e feliz.” Ela pôs um braço em volta dela e deu-lhe um beijo de despedida, tentando fazê-la se sentir aquecida, segura e querida.

Mas Anna podia sentir que ela se esforçava e desejou que ela não o fizesse. Isso criou uma barreira entre elas de tal forma que era impossível para ela se despedir naturalmente, com o abraço e beijo espontâneos que outras crianças conseguiam com tanta facilidade, e que a Sra. Preston tanto teria gostado. Em vez disso, ela só pôde ficar ali parada, rígida, perto da porta aberta do vagão, com a maleta na mão, esperando que parecesse comum e desejando que o trem fosse embora.

Sra. Preston, vendo a aparência “normal” de Anna – que em sua própria mente ela considerava seu “rosto de madeira” – suspirou e voltou sua atenção para coisas mais práticas.

“Você tem sua mala grande na prateleira e seus quadrinhos na bolsa.” Ela remexeu em sua bolsa de mão. “Aqui está, querida. Um pouco de chocolate para a viagem e um pacote de lenços de papel para limpar-se depois.”

Um apito soou e um carregador começou a bater as portas do trem. A Sra. Preston apalpou Anna suavemente nas costas.

“Melhor entrar, querida. Você acabou de sair.” Então, enquanto Anna se levantava com um sussurrante "Não me empurre!" e ficou olhando para baixo, ainda sem sorrir, da janela do vagão – “Dê lembranças minhas à Sra. Pegg e ao Sam e diga a eles que espero descer em breve – isto é, se eu conseguir um dia de folga—” Imperceptivelmente o trem começou a se mover ao longo da plataforma e a Sra. Preston começou a tagarelar – “Envie-me um cartão quando você chegar lá. Lembre-se de que eles vão encontrar você em Heacham. Não se esqueça de cuidar deles. E não se esqueça de virar na King’s Lynn, não há erro. Há um cartão carimbado já endereçado no bolso interno do seu casaco. Só para dizer que você chegou em segurança – você sabe. Adeus, querida, seja uma boa menina.”

Então, quando ela começou a correr e a parecer repentinamente patética, quase suplicante, algo se suavizou dentro de Anna bem a tempo. Ela inclinou-se para fora da janela e gritou: “Adeus, titia. Obrigado pelo chocolate. Adeus!”

Ela apenas teve tempo de ver a expressão preocupada da Sra. Preston alternar para um sorriso ao ouvir o uso incomum do nome “titia”, então o trem ganhou velocidade e uma curva na linha a escondeu de vista.

Anna sentou-se sem olhar ao redor, partiu quatro quadrados de chocolate, colocou o resto da barra no bolso com o pacote de lenços de papel, e abriu seus quadrinhos. Duas horas – mais de duas horas – até King’s Lynn. Com sorte, se ela apenas parecesse “normal” ninguém falaria com ela durante todo esse tempo. Ela poderia ler seu gibi e, em seguida, olhar para fora da janela, pensando sobre coisa alguma.

Anna passava muito tempo não pensando em nada ultimamente. Na verdade, era em parte por causa de seu hábito de não pensar em nada que ela estava viajando para Norfolk agora, para ficar com o Sr. e a Sra. Pegg. Isso – e outras coisas. As outras coisas eram difíceis de explicar. Elas eram tão vagas e indeterminadas. Havia o negócio de não ter melhores amigos na escola como todos os outros, não particularmente querendo convidar alguém para tomar um chá em casa, e não particularmente ligando muito para que alguém a convidasse.

A Sra. Preston simplesmente não acreditava que Anna não se importasse. Ela sempre dizia coisas como: “Pronto, que pena! Você quer dizer que todos foram para a pista de patinação e nunca te convidaram?” (Ou ao cinema, ou ao zoológico, ou a um passeio pela natureza, ou a uma caça ao tesouro.) – e, “Por que você não pergunta da próxima vez? Deixe-os saber que você também gostaria de ir. Diga algo como, ‘se vocês têm espaço para mais um, que tal eu? Eu adoraria ir.’ Se você não *parecer* interessada, ninguém saberá que você está.”

Mas Anna não estava interessada. Não mais. Ela sabia perfeitamente bem – embora ela nunca tivesse explicado isso para a Sra. Preston – que coisas como festas e melhores amigos e ir ao chá com outras pessoas eram boas para todo mundo, porque todo mundo estava ‘dentro’ – dentro de algum tipo de círculo mágico invisível. Mas a própria Anna estava ‘fora’. E, portanto, essas coisas não tinham nada a ver com ela. Era tudo muito simples.

Então não houve nem-mesmo-tentativas. Isto era uma outra coisa. Anna sempre pensou em nem-mesmo-tentar como se fosse uma palavra longa, pois ela tinha ouvido falar disso muitas vezes durante os últimos seis meses. Srta. Davison, sua professora de turma, disse isso na escola, “Anna, você não está nem-mesmo-

tentando”. Tal foi escrito em seu relatório ao final do semestre. E a Sra. Preston disse isso em casa.

“Não é como se houvesse algo de errado com você”, ela dizia. “Quero dizer que você não é deficiente de nenhum modo e tenho certeza que você é tão inteligente quanto qualquer um dos outros. Mas este ‘nem-mesmo-tentar’ vai estragar todo o seu futuro.” E quando alguém perguntava sobre Anna, para qual escola ela iria mais tarde, e assim por diante, ela dizia: “Eu realmente não sei. Receio que ela nem-mesmo-tente. Está sendo difícil saber o *que* fazer com ela.”

Anna mesma não se importava. Tal como com outras coisas, ela não estava nem um pouco preocupada. Mas todos os outros pareciam preocupados. Primeiro Sra. Preston, então Srta. Davison, e então Dr. Brown, que foi chamado quando ela teve asma e não pôde ir à escola por quase duas semanas.

“Ouvi dizer que você está preocupada com a escola”, comentou Dr. Brown com um brilho gentil nos olhos.

“Não estou. Ela está”, Anna murmurou.

“A-ah!” Dr. Brown andou pelo quarto, pegando coisas e examinando-as de perto, depois colocando-as no chão novamente.

“E você se sente mal antes da Aritmética?”

“Às vezes.”

“A-ah!” Dr. Brown colocou um pequeno porco de porcelana cuidadosamente de volta no consolo da lareira e olhou seriamente para seus olhos pintados de preto. “Eu acho que você

está preocupada, sabe” ele murmurou. Anna ficou em silêncio. “Não é?” Ele se virou para fitá-la novamente.

“Achei que você estava falando com o porco”, disse ela.

Dr. Brown quase sorriu então, mas Anna continuou a parecer severa, então ele continuou sério. “Eu acho que talvez você esteja preocupada e vou lhe dizer por quê. Acho que você está preocupada porque sua—” Ele se interrompeu e dirigiu-se para ela novamente. “Como você a chama?”

“Quem?”

“Sra. Preston. Você a chama de tia?” Anna concordou. “Acho que talvez você esteja preocupada porque a tia está preocupada, é isso?”

“Não, eu te disse, não estou preocupada.”

Ele parou de andar e ficou olhando para ela com consideração enquanto ela estava lá, ofegante, com seu rosto “normal”. Então ele olhou para o relógio e disse rapidamente: “Certo. Bem, então está tudo bem, não é?” e desceu correndo para falar com a Sra. Preston.

Depois disso, as coisas mudaram muito rapidamente. Primeiramente Anna não voltou para a escola, embora fossem boas seis semanas até o final do semestre. Em vez disso, ela e a Sra. Preston foram às compras e compraram shorts, tênis e uma grossa camisa da malha de gola alta para Anna. Então a Sra. Preston recebeu uma resposta para a carta que havia escrito para sua velha amiga, Susan Pegg, dizendo que sim, a garotinha poderia ir e que seria bem-vinda. Ela e Sam ficariam felizes em tê-la, embora não fossem tão jovens quanto antes e o problema

reumático de Sam tornara-se algo crônico no inverno passado. Mas vendo que ela era uma coisinha quieta e que não gostava muito de perambular por aí, eles esperavam que ela fosse feliz. “Como você deve se lembrar”, escreveu a Sra. Pegg, “somos simples e caseiros ‘aqui em cima’, mas temos camas confortáveis e nada nos falta agora que temos televisão”.

“Por que ela diz ‘aqui em cima?’” perguntou Anna.

“Significa em casa, na nossa casa. É assim que se diz em Norfolk.”

“Oh.”

Anna então, surpreendentemente, bateu a porta e pisou ruidosamente escada acima.

“E agora, o que eu disse para aborrecê-la?” pensou a Sra. Preston, enquanto colocava a carta na gaveta do aparador para mostrar ao Sr. Preston mais tarde. Ela nunca poderia ter adivinhado, mas Anna tinha feito uma exceção repentina e irracional ao ser chamada de “uma coisinha quieta”. Uma coisa era não querer falar com as pessoas, outra completamente diferente era ser chamada de nomes como este. Os golpes nas escadas eram para provar que ela não era nada disso.

Lembrando-se disso agora enquanto estava sentada no trem fingindo ler seu gibi (que ela havia terminado há muito tempo), ela de repente se perguntou se alguém aqui poderia estar tendo a mesma ideia sobre ela. Franzindo a testa em uma carranca proibitiva, ela ergueu a cabeça pela primeira vez e olhou para os outros ocupantes do vagão. Um deles, um idoso, dormia profundamente em um canto. Uma mulher na frente dele estava se maquiando cuidadosamente com um espelho de bolso. Anna

olhou, fascinada, por um momento, percebeu que sua carranca estava escorregando, e se virou para encarar a mulher à sua frente. Ela também estava dormindo.

Então o rosto “normal” funcionou. Ninguém a notou. Aliviada, ela se virou para a janela e olhou para os longos trechos planos dos pântanos, com suas casas de fazenda isoladas umas das outras, campos separados, e não pensou em mais nada.

Quando Marnie Estava Lá, por Joan B. Robinson